



Lembrando Jorge Beinstein, velho camarada, revolucionário marxista e amigo da Galiza

GALIZA EM REDE :: 13/01/2019

Recordando a Jorge Beinstein, viejo camarada, revolucionario y amigo de Galiza. Entrevista en galego

Faleceu o velho Jorge Beinstein, economista argentino com umha longa vida dedicada à causa revolucionária nos terrenos prático e teórico. Umha parte das nossas e dos nossos camaradas tivo ocasiom de conhecê-lo na primavera de 2012, quando visitou a Galiza, manifestando o seu apoio à causa independentista e socialista galega.

Convidado por Primeira Linha, Jorge tivo umha destacada participaçom nas Jornadas Independentistas, além doutras atividades públicas, como a palestra que encheu a sala de atos da CIG em Ferrol. Já no plano interno, alguns e algumas de nós tivemos ocasiom de fazer parte do grupo de jovens de BRIGA e AGIR que assistiu ao seu seminário de formaçom marxista em Compostela.

Como comunistas e internacionalistas, nom esquecemos que entre as nossas obrigaçons militantes está a reivindicaçom do nosso passado, assi como dos e das camaradas com quem partilhamos luitas e projetos de futuro. Foi o caso de Jorge Beinstein, que agora nos deixou, ficando um legado para a história do melhor das luitas e sonhos do proletariado e dos povos do mundo.

Jorge, nom te havemos de esquecer e viverás na nossa memória!

Anexamos acima, em formato facsimilar, a entrevista realizada polo camarada Maurício Castro a Jorge Beinstein naquela visita à Galiza, que foi publicada no Diário Liberdade e na revista Abrente número 64. Verás que, apesar dos anos transcorridos, mantém plena vigência.

Entrevista con Jorge Beinstein: “A chegada do socialismo é umha necessidade, nom umha inevitabilidade”

[Maurício Castro, Ferrol, Galiza, maio de 2012.]

Maurício Castro - A que tipo de crise estamos a assistir?

Jorge Beinstein - Na verdade, estamos numha crise de sobreproduçom que está a se transformar no seu contrário, umha crise de subproduçom.

Explica-nos isso um pouco.

Devemos partir da teoria de Marx sobre a crise, a única que ajuda a explicar boa parte do que está acontecer. Ele explicou que a dinâmica de concentraçom de rendimentos e o facto

de haver umha multidom de capitalistas a concorrerem entre si, fai com que se desenvolva um processo de inovaçom tecnológica que inevitavelmente aumenta a capacidade de produçom.

Esse aumento de produçom, no século XIX, ia acompanhado da reduçom da massa salarial, provocando um desfase entre a oferta e a procura, o que resultava numha crise de sobreproduçom. Assim explicava Marx as crises da sua época, que eram diferentes das pré-capitalistas. Aquelas tinham sido crises de subproduçom próprias das economias agrícolas, pola sobre-exploraçom da terra decorrente do crescimento demográfico, que produzia colapsos na produçom agrária e os derrubamentos económicos, fames, morte de altas percentagens da populaçom, etc.

Marx explica que no capitalismo industrial as crises se devem aos excedentes produtivos e nom à carência como em etapas precedentes.

A partir da crise dos anos 70 do século passado, esta já nom se produz polo desfase entre oferta e procura. O Estado Keynesiano, instrumento fabricado polo capitalismo e que durante décadas lhe foi útil para a regulaçom que permitiu a saída de crises como a do 29 (da qual se saiu 10 anos mais tarde), permite controlar a queda da procura através da transferência de recursos aos assalariados. Se bem os salários se estancam, os desempregados tenhem subsídios e permitem assim manter o consumo e que nom haja revoltas.

Assim, dá a impressom de que as crises se ultrapassam, mas a concorrência entre os capitalistas, que está na base de todas as crises anteriores, gera um aumento do potencial produtivo, mas com umha regulaçom da produçom em funçom da procura existente em cada momento. Assim, nom há excessos de mercadoria sobre o mercado, pois fam estudos sobre o que devem produzir exatamente em cada momento.

Porém, o potencial de produçom é enorme (equipamentos, instalaçons, etc) isso sobe os custos de produçom e a velha regra de que isso fai cair a taxa de lucro volta a impor-se e os capitalistas respondem a essa queda do lucro no seu sistema produtivo e um atalho para manter os lucros que nom existem no negócio produtivo é dedicar-se a negócios financeiros. Para isso, as empresas necessitam fundos, realizando-se empréstimos mutuamente e, entretanto, o Estado Keynesiano, para manter a procura, evita estabelecer impostos e libera papéis ao mercado, pedindo dinheiro emprestado. Parte dos excedentes financeiros vam assim para outras empresas, mas umha parte vai para comprar artigos públicos, gerando-se um circuito financeiro que se expande mais cada vez, derivando na chamada financeirizaçom da economia.

O resultado? Em 1970, a massa financeira global podia ser de 50% do Produto Bruto Mundial. Neste momento, essa massa é de 20 vezes o Produto Bruto Mundial.

A outra saída para manter a taxa de lucro por parte dos capitalistas foi evitar a subida dos salários, claro, mas conceder créditos públicos e privados. Nom aumentam o salário, mas repartem cartons de crédito, com o qual os trabalhadores e trabalhadoras vam diferindo para o futuro os pagamentos. A dívida privada, a dívida das empresas e a dívida pública vam crescendo. Por baixo da expansom financeira, produz-se umha expansom da dívida. Chega

umha altura em que essa dívida se converte em impagável e o crescimento da massa financeira fica paralisado. Há quatro anos que estamos aí: a massa financeira nom cresceu mais desde 2008.

Até hoje, conseguírom que essa massa financeira nom se derrube, mas nom cresce mais, daí que estejamos em recessom e que a ideia do crescimento num futuro imediato seja umha quimera. Os estados e as empresas sobre-endividadas, incapazes de pagar...

Nom pode haver umha nova expansom através da exploraçom de novos territórios e recursos?

Quais? Olha só um exemplo. Quando este desastre começou, a dívida pública japonesa era aproximadamente 25% do Produto Bruto japonês. Nestes momentos, é de 220%. A dívida pública mais a privada desse mesmo país era de 40% e agora é de 500%, tal como a britânica; a estado-unidense, 400%; a francesa e a alemá está polos 320-330%...

Entom qual é a saída?

Umha saída é baixar os custos, comprimindo a massa salarial. Outra é a predaçom de recursos renováveis e nom renováveis. Assim foi que conseguírom baixar o preço do petróleo e baixá-lo durante uns 20 anos através da exploraçom colossal de recursos. O mesmo com o cobre, o ferro, alimentos, etc.

O mesmo figérom com a exploraçom da terra, através das sementes híbridas, transgénicos, fertilizantes, esfoliantes... até arruinar as terras. Assim se fijo e se fai ainda nos Estados Unidos, Brasil, Argentina...

Desde 2005, a produçom petroleira mundial deixou de crescer. Estamos no pico e começa a baixar a produçom nalguns países, mantendo-se globalmente nos 83 milhons de barris diários, mas com perspectiva imediata de descida da produçom. Com o cobre, o ouro, etc, acontece a mesma cousa.

O capitalismo está mostrando que nom era tam original. Pensava-se que as crises de subproduçom eram próprias do pré-capitalismo e que com o capitalismo nom haveria mais, mas agora estão a voltar, igual que em civilizaçons anteriores. O padrom tecnológico capitalista, limitado polas condiçons históricas, deu para o que deu: a exploraçom de recursos até o esgotamento dos mesmos.

Isso nom foi previsto por Marx... Será que é útil a teoria do decrescimento?

A teoria de Marx é sobre crises de sobreproduçom, mas agora já estamos às portas da crise de subproduçom devido ao esgotamento dos recursos. Samir Amin afirmou que a melhor maneira de ser marxista é avançar a partir de Marx. O próprio Marx afirmou até 12 vezes que ele nom era marxista. A melhor maneira de sermos marxistas é aplicarmos o marxismo nas condiçons atuais, marcadas polos limites históricos do próprio sistema.

É preciso mudar o modelo, nom chega com apelar a um capitalismo sem crescimento, porque isso nom pode existir. O consumismo é a base para manter a procura e através dela a produçom e os lucros. Certamente, há umha produçom supérflua, mas só erradicando o capitalismo poderemos encontrar a alternativa, já que de facto o capitalismo já deixou de

crescer.

Fala-se de pôr os chineses e os indianos a consumir...

Mas isso significa pagar-lhes 1.000 dólares em lugar de 200 e assim, a economia capitalista chinesa deixaria de funcionar. Estamos a entrar na crise de subprodução porque o capitalismo não pode desenvolver mais as forças produtivas.

O capitalismo vai cair por ele próprio?

O grave desta situação não é se cai ou não cai. O grave é que o capitalismo entra numa etapa de autodestruição, sem expansão das forças produtivas, iniciando-se a retração das mesmas. O capitalismo opera já como destruidora de força produtiva. Carece já de progressividade histórica, é já um retrocesso.

A questão é que há que destruir o capitalismo porque existe o risco que se destrua sozinho, num processo de autodestruição que mate milhões de pessoas em todo o mundo. Isso obriga a um esforço voluntarista para evitar que se gere um nível de barbárie como nunca vimos.

O aumento dos fascismos na Europa, como estamos a ver em França, é um grande perigo que pode estender guerras como a que acabamos de ver na Líbia. Há forças destruidoras latentes que podem desatar-se como já aconteceu noutros períodos históricos de decadência civilizacional. O Império Romano é um exemplo: os escravos não tomaram o poder para construir uma sociedade melhor. Roma passou de 1 milhão a 30 mil habitantes em 400 anos, demorando 1.000 anos a reconstrução.

As experiências socialistas foram tentativas de ultrapassar o capitalismo.

No século XX vivemos uma tentativa de superação do capitalismo que, visto hoje com perspectiva, dá para entender o fracasso. Aquele era um capitalismo sem crise energética, que ainda não recorreu ao Keynesianismo, que tinha algumas margens importantes, apesar da crise entre 1914 e 1945. Daí sai um capitalismo maduro que, nos anos 70, se converte num capitalismo velho.

Nas condições da Rússia de inícios do século XX, não era possível derrotar o capitalismo, mas deviam tentá-lo. Não se pensava nos desafios do capitalismo senil, da tecnologia, dos seus limites como sistema histórico... porque existia um peso cultural muito forte do próprio do capitalismo que levou os comunistas russos a proporem um modelo de consumo equiparável ao capitalista com um sistema produtivo socialista.

O capitalismo armou-se como sistema num período de quase 1.000 anos, daí que não seja tão fácil destruí-lo. O socialismo fracassou no século XX e é agora que a própria Rússia pode aspirar a dar essa luta.

Trotsquistas como Mandel formularam que depois de 1945 estávamos num capitalismo tardio e que foi derrotado pela traição da URSS estalinista. Eu acho que não, que nessa etapa não havia capitalismo tardio e sim socialismo temperado, imaturo, entre 1917 e 1980. De facto, no século XVII e XVIII também tinha havido capitalismo temperado. A primeira crise

com algum cheiro pró-capitalista foi a chamada Longa Crise do Século XVII, que dura quase 100 anos e que destruiu o pré-capitalismo na Europa, vindo o século XVIII da Revolução Francesa, chegando-se à Revolução Industrial. Da mesma forma, o Século XX foi o do socialismo temperado.

Porém, a chegada do socialismo é uma necessidade, mas não uma inevitabilidade.

De onde podem vir as energias que empurrem esse socialismo necessário?

A irrupção do proletariado tem a ver com a massa miserável urbana expulsa das áreas rurais e que já Marx avançou que estava obrigada a crescer e rebentar contra o sistema que a explorava. Porém, já no século XXI que vivemos temos uma massa mundial em expansão onde estão os 250 milhões de operários da China, 100 milhões de operários industriais do resto do mundo, os quase 2.000 milhões de camponeses pobres do mundo, “comerciantes” que nem chega a pequena burguesia, mas sub-proletariado... e uma massa de operários privilegiados de ocidente que se está a proletarizar e empobrecer na própria Europa e nos EUA.

Falamos de entre 3 mil e 4 mil milhões de pessoas que devem rebelar-se contra o capitalismo realmente existente. Os governos progressistas da América Latina são uma expressão dessa incipiente rebelião, com soluções intermédias devido à impossibilidade ainda de que essas massas tomem diretamente o poder. A pressão popular foi suficiente para derrotar a burguesia mais reacionária, mas não para armar revoluções populares.

A ruptura ainda não se produziu em nenhum lugar... Onde poderá produzir-se?

Não, não, nem sequer na Venezuela, que é ainda um país capitalista. Pode suceder em qualquer lugar, incluídos os Estados Unidos. Não há determinismos sociológicos aí. As massas muito empobrecidas que não conseguem emancipar-se e outras com melhores condições mas com mais consciência. Pode ser na Europa, Argentina, Venezuela...

E pode não ser?

Pode não ser, como vemos em África.

<https://galiza.lahaine.org/lembrando-jorge-beinstein-velho-camarada>